

LEITURAS DA CLÍNICA,
ESCRITAS DA CULTURA

Esta obra foi impressa em papel offset 75 gs. Instrução Normativa SRF nº 71 de 24 Agosto de 2001. Na capa foi utilizado Papel Supremo, 250 gs., laminação fosca. Impressão e acabamento por processo digital *book on demand* da **GRÁFICA PSI 7** a partir de arquivos do editor.

MARIA CRISTINA POLI

LEITURAS DA CLÍNICA,
ESCRITAS DA CULTURA

MERCADO[®]
LETRAS

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Poli, Maria Cristina Leituras da clínica, escritas da cultura / Maria Cristina Poli. –
Campinas, SP : Mercado de Letras, 2012. -- (*Coleção Terramar*)

Bibliografia

ISBN 978-85-7591-229-4

1. Ciências humanas 2. Psicanálise 3. Psicologia clínica I. Título. II. Série.

12-09600

CDD-150.195

Índices para catálogo sistemático:

1. Clínica psicanalítica : Psicologia 150.195 2.
Psicanálise : Psicologia 150.195

Conselho Editorial da Coleção Terramar

Cláudia de Lemos (Unicamp)

Flávia Trócoli (UFRJ)

Viviane Veras (Unicamp)

Paulo Endo (USP)

Nina Virgínia de Araújo Leite (Unicamp)

J. Guillermo Milán-Ramos (Unincor)

projeto gráfico e capa: Vande Rotta Gomide

imagem da capa: Evandro Salles, bico de pena, sem data e sem título;
do livro *Evandro Salles – Desenhos*, 2002

preparação dos originais: Mariana Marques Moraes

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© *MERCADO DE LETRAS EDIÇÕES E LIVRARIA LTDA.*

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514

13070-116 – Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª EDIÇÃO

A G O S T O / 2 0 1 2

*Conforme as novas normas da ortografia do
Decreto Legislativo nº 54 de 18 de abril de 1995.*

— IMPRESSÃO DIGITAL —

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.

É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Sumário

Prefácio:

Para uma leitura das cacofonias culturais 7
Edson Luiz André de Sousa

PSICANÁLISE E CRÍTICA CULTURAL

1. A invenção do silêncio: considerações
sobre o psicanalista como crítico da cultura 13
2. O sujeito na ciência: questões à bioética 25
3. Experiência e linguagem como estratégias de resistência 45
(com *Miriam Debieux Rosa*)

FORMAÇÃO E PESQUISA EM PSICANÁLISE

4. Lacan e a questão da identificação ao analista 61
5. Escrevendo a psicanálise em uma prática de pesquisa:
universidade e instituição 71
6. “Eu não procuro, acho”: sobre a transmissão
da psicanálise na universidade 93

ATUALIDADES DO SEXUAL

- 7. Sexuação e formas contemporâneas de representação 107
- 8. A diferença sexual em psicanálise 119
- 9. Freud, Bataille e o adolescente perverso-polimorfo 137

LENDO CLARICE

- 10. Uma carta perdida 149
- 11. Uma escrita feminina: a obra de Clarice Lispector 157
- 12. O *Unheimliche* em *A paixão segundo G. H.* 167

Referências Bibliográficas 179

Post Scriptum 189

Sobre os textos 191

Prefácio
Para uma leitura das cacofonias culturais

*Edson Luiz André de Sousa*¹

A psicanálise foi desde sempre uma disciplina áspera, plena de recortes, como aquelas peças de quebra-cabeças difíceis, e, por vezes, impossíveis de encaixar. Esta condição é a fonte de sua potência. Foi este o ponto de partida de Freud que operou, como sabemos, um corte epistemológico na produção científica de seu tempo. Não são poucas as vezes que se tentam compor algumas destas peças no mapa do mundo partindo de estratégias suspeitas, cortando algumas extremidades e assim arredondando as arestas. Evidentemente, esta é uma forma de minimizar a vocação de irreverência desta disciplina, obedecendo assim

-
1. Edson Luiz André de Sousa é psicanalista, doutor em psicanálise e psicopatologia pela Université de Paris VII. Pós-doutorado na Université de Paris VII e na École des Hautes Etudes en Sciences Sociales – Paris (2009-2010). Professor do PPG Psicologia Social e Institucional e do PPG Artes Visuais / UFRGS. Pesquisador do CNPq e coordenador, junto com Maria Cristina Poli, do LAPPAP – Laboratório de Pesquisa em Psicanálise, Arte e Política / UFRGS.

à resistência que os encobrimentos consensuais de uma dita produção cultural tentam impor. Ao evidenciar minuciosamente a potência de crítica cultural que a psicanálise possui, o livro de Maria Cristina Poli mostra ao leitor o estatuto de rebeldia com que esta disciplina surgiu, abrindo ao pensamento e às práticas clínicas e sociais horizontes promissores. A psicanálise revela sua curiosa posição de ser, ao mesmo tempo, um dos eixos centrais do pensamento contemporâneo, dialogando com inúmeros campos das ditas ciências humanas e, ainda assim, conservar como princípio, seu estatuto de margem. Este é um alerta lúcido deste livro, pois lembra que nossa “aproximação” à psicanálise não nos poupa das resistências que produzimos em sua prática e produção teórica. Impossível, portanto, pensar uma prática psicanalítica sem um certo princípio de subversão, de rebeldia, de dissidência. Haveria outra relação possível da psicanálise com a cultura? Podemos aqui pensar o livro de Poli muito próximo das grandes placas de aço do artista Richard Serra que, ao cortarem o espaço, exigem do olhar e do pensamento outros contornos de apreensão do mundo. O recorte que a autora vai fazendo em cada um dos capítulos do livro evoca uma certa insurreição, pois não há crítica contundente que não guarde um espírito de barricada como mostrou em Paris o artista Jean-Jacques Lebel, personagem importante da cena artística contemporânea francesa.¹

Aqui a psicanálise se aproxima muito da potência crítica da arte em sua relação à cultura, pois ambas buscam quebrar o aprisionamento do significante na enxurrada dos significados que os encobrem em uma cruzada ideológica. Como sabemos, o ato analítico, assim como o ato criativo buscam abrir outras vias discursivas, tendo que pagar, por vezes, o preço de um risco de exclusão. Freud e Lacan, sabemos, tiveram que suportar inúmeras vezes esta condição e se a psicanálise pode continuar viva, foi, sem dúvida, graças à determinação ética que tiveram, de não cederem em seus princípios. De alguma forma seguiram a observação lúcida de Nietzsche: “É melhor estar na periferia do que se ergue que no centro daquilo que afunda”.

Este é um livro caleidoscópico abrindo muitas perspectivas de leitura mas com o mérito de guardar um fio condutor claro, enunciado

1. Exposição de Jean-Jacques Lebel – *Soulèvements*. La maison rouge, Paris, 25.10.2009 – 17.01.2010.

no título da obra. Contrariamente a muitos ensaios no campo da psicanálise, não se contenta em discorrer sobre o que já sabemos, procurando “traduzir” os esquemas complexos de Freud e Lacan, mas lança novos problemas abrindo, assim, novas questões.

Impossível neste brevíssimo prefácio abarcar todo o campo denso destas questões. Cabe ao leitor buscar estas pistas. Contudo, vou mencionar algumas “melodias de bastidor” como evoca Rilke em seu escrito de juventude “Notas sobre a melodia das coisas”. Mas, contrariamente a Rilke, que afirma que ao descobrir esta melodia “não estaríamos mais indecisos nas palavras nem obscuros nas decisões”,¹ aqui a melodia revela nosso limite do dizer. Os três últimos capítulos dedicados à reflexão da obra de Clarice Lispector apontam com clareza este ponto.

O livro de Maria Cristina Poli se abre com uma espécie de rumor eloquente mostrando o quanto a lógica capitalista implica uma exclusão do sujeito e expondo uma cuidadosa anatomia do que podemos entender, a partir da psicanálise, por cultura e por laço social. Ao traçar a diferença radical entre estas duas perspectivas, abre um caminho no qual a psicanálise pode vir a operar. Que consequências, portanto, poderiam advir para as práticas sociais se o registro da perda pudesse encontrar seu estatuto legítimo? A lembrança de que Freud inicia sua construção da psicanálise pelas afasias é fundamental. A autora discorre amplamente sobre este ponto no capítulo que se dedica a pensar “a invenção do silêncio”. Se como diz “o silêncio é um dos nomes desse encontro do real da experiência” só mesmo de forma afásica para enunciar este encontro. Como escreve o poeta Dominique Fourcade “... *parce que ça ne peut se dire / Ça est trop/ou quand ça se dit c'est inaudible...*”.² O importante aqui parece ser não de renunciar a enunciação do impossível mas reconhecer a legitimidade da força enunciativa da gagueira que nos é possível narrar. Aqui Maria Cristina Poli define com precisão a função do psicanalista em sua relação à cultura: este seria um “crítico das cacofonias culturais”.

1. Rilke, Rainer Maria (1898[2008]). *Notes sur la melodie des choses*. Paris: Editions Allia, p. 53.

2. “porque isso não pode se dizer/Isso é excessivo/ou quando isso se diz é inaudível” (tradução minha). In: Fourcade, Dominique (1994) II, P.O.L., Paris, p. 73.

Problematizar a especificidade da psicanálise nas suas relações ruidosas com as instituições é outro campo de questões que o presente livro ousa interrogar. No que diz respeito às instituições psicanalíticas Poli tenta pensar historicamente alguns modelos de formação construindo sua leitura crítica e apontando o que entende por essencial na transmissão da psicanálise. A universidade, evidentemente, também entra em pauta, pois a prática psicanalítica coloca em cena uma prática de pesquisa nem sempre bem aceita nos meios acadêmicos. Freud, há mais de um século, já enfrentava esta dificuldade. Mas qual seria o ponto de tensão? Poli explicita com rigor esta questão ao dizer que para a psicanálise “a pesquisa parte do testemunho de um encontro com o Real, com este ponto da experiência que resiste ao saber, e que opera pela via privilegiada da transmissão na psicanálise: a transferência”. Em que medida a academia estaria aberta a tal perspectiva? Toda a discussão em torno da bioética, amplamente desenvolvido em um dos capítulos mostra com clareza esta dissonância.

Os capítulos dedicados a pensar o lugar da sexuação no contemporâneo e a lógica da diferença sexual proposta pela psicanálise mostram o quanto a cultura continua a fazer resistência a alguns princípios que movem a prática psicanalítica. Que desenho poderia ter um laço social que levasse em conta o princípio da diferença sexual na psicanálise, a saber, que se trata sempre de um saber que é não todo?

O livro de Maria Cristina Poli é como o pequeno anel que Apollinaire fez com restos de metal bélico em uma das trincheiras da primeira guerra mundial,¹ por duas razões bem evidentes: não há crítica sem combate, não há combate efetivo sem beleza.

1. Peça exposta na exposição de Jean-Jacques Lebel – *Soulèvements*, referida anteriormente.